

Pedro
Pacífico
Bookster

A stylized illustration on a dark blue background. On the left, a black vase with white line-art faces contains several flowers in shades of orange, red, and white. A large, pink and white rose is positioned to the right of the vase. A small bee is flying below the rose. In the foreground, a stack of three books is shown: the top one is white with a portrait and the word 'CARAS', the middle one is red with 'ABEJAS', and the bottom one is dark blue with 'PUCCINI'. A pair of glasses and a pen are also scattered on the light blue surface.

Trinta segundos sem pensar no medo

memórias de um leitor

**Pedro
Pacífico**

**Trinta
segundos
sem pensar
no medo
memórias
de um leitor**



Copyright © 2023 Pedro Pacífico

EDIÇÃO DE TEXTO

Rosana Caiado

REVISÃO

Júlia Ribeiro

Pedro Faria

PROJETO GRÁFICO

Alles Blau

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CAPA

Alles Blau

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

María Luque

FOTOS DO ENCARTE

Arquivo pessoal (exceto foto das apresentações TEDx, de Eduardo Lopes)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P125t

Pacífico, Pedro, 1992-

Trinta segundos sem pensar no medo : memórias de um leitor / Pedro Pacífico. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

21 cm.

ISBN 978-65-5560-684-3

1. Pacífico, Pedro, 1992-. 2. Psicologia da leitura. 3. Autoaceitação. 4. Homossexuais masculinos - Biografia - Brasil. 5. Autobiografia. I. Título.

23-84650

CDD: 920.8664

CDU: 929-055.34-055.1



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ

CEP 22640-904

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Ao meu padrinho.

Aos silenciados.

Adeus, fantasmas

9 de março de 2020

TALVEZ TIVESSE CHEGADO o momento que mais temi ao longo de toda a minha vida. Uma conversa que, embora se repetisse na minha cabeça — que criava cenários aterroizantes —, nunca achei que aconteceria de verdade. Quem é ansioso, como eu, costuma sofrer ao antecipar situações que representam riscos. Roteirizar esses momentos era uma forma, malsucedida, de tentar controlar o futuro e amenizar os medos. Assim, eu fantasiava como seriam reuniões, conversas, viagens ou quaisquer circunstâncias que me parecessem ameaçadoras. E, naquele momento, havia um perigo ainda mais assustador: ser descoberto. Eu já tinha sofrido sozinho por muitos anos e havia chegado a um ponto da minha vida em que precisava tomar coragem para compartilhar a verdade.

Era um domingo do início de 2020. Tinha voltado de uma viagem à Bahia, em que tinha ido ao casamento de amigos especiais. Assim que cheguei em São Paulo, falei para os meus pais que iria direto do aeroporto para o escritório resolver algumas pendências. Mas, como eu ainda mora-

va com eles, essa foi só mais uma das desculpas que vinha inventando para proteger o meu segredo.

Não fui para o escritório. Fui encontrar meu namorado.

Eu vinha planejando que aquele domingo, após a viagem, seria a data em que chamaria os meus pais para uma conversa. No táxi, voltando para casa, o nervosismo me fez criar justificativas para postergar a decisão que eu mesmo tinha tomado. Pensar que eu poderia ganhar mais alguns dias me fazia respirar aliviado.

Cheguei tarde. Meu pai já estava dormindo e minha mãe, entretida no computador. Dei um beijo em cada um. Minha mãe perguntou como havia sido o casamento. “Delicioso, mas tô morto, amanhã conto tudo.” Fui para o quarto e me enfiei debaixo das cobertas. Adorava olhar ao redor do cômodo e me ver rodeado de livros — literalmente, já que havia estantes em todas as paredes. Eram muitas prateleiras abarrotadas. Lembro de ter contabilizado à época os exemplares que habitavam o quarto: eram mais de dois mil. E isso me dava uma sensação imensa de conforto, como se aqueles livros me fizessem companhia, aliviassem a solidão de guardar uma parte de quem eu era.

Ler antes de dormir é como uma meditação para mim, uma forma de me desligar de tudo e silenciar os pensamentos que ficam importunando a minha cabeça. Então, naquele dia, entrei no quarto, agarrei um livro e deitei na cama, mas tive dificuldade para me concentrar. Será que eu realmente havia desistido de contar? Decidi usar uma estratégia que tinha visto em um filme havia muitos

anos para situações que demandam coragem: ficar trinta segundos sem pensar no medo e, nesse meio-tempo, dar o primeiro passo em direção ao que se deseja fazer. Depois você lida com as consequências. E foi o que fiz: coloquei o livro sobre o peito, ainda aberto, peguei o celular e mandei uma mensagem para a minha mãe. “Vem aqui no meu quarto antes de dormir. Preciso falar com você... Nada de mais!”

Logo em seguida, voltei ao livro e tentei me envolver com a leitura. Não chequei o celular e, internamente, estava torcendo para que minha mãe tivesse pegado no sono. Nessa época, meu pai dizia que eu e ela parecíamos morcegos zanzando pela casa no início da madrugada. E ele estava certo: nós dois temos hábitos bem noturnos, o que significava que ela provavelmente tinha lido a mensagem.

Alguns minutos depois, ela apareceu à porta. Meu quarto na casa dos meus pais ficava no sótão, então pude escutá-la subir os degraus de madeira da escada. Meu coração, que já estava acelerado, começou a bater ainda mais rápido. Fiquei segurando o livro aberto, como se aquela barreira de papel pudesse me proteger. Eu não tinha medo da reação da minha mãe. O medo que estava sentindo era um pouco porque eu nunca tinha me permitido falar aquilo para alguém. Fazia muito pouco tempo, na verdade, que eu havia conseguido ser honesto comigo mesmo. Aquela conversa tinha sido o tema de muitos dos meus roteiros fantasiosos — e nada agradáveis — que havia criado nos últimos anos. Verbalizar representava um caminho sem volta.

Para fingir que estava lendo, continuei olhando fixamente para as páginas. A verdade é que o livro poderia estar de ponta-cabeça que eu nem ia perceber. Minha mãe se sentou na cama, sem desconfiar de que aquela conversa ficaria marcada na sua memória. Talvez ela estivesse imaginando que eu fosse reclamar de alguma dor ou da ressaca pós-festa de casamento. Nesse caso, então, bastaria ela dar a resposta-padrão que eu ouvia desde a infância: “Dorme que passa.” E antes que questionem: não, minha mãe não é médica. Somos apenas uma família com um leve — ou não tão leve assim — toque de “hipocondria”.

Não falei nada.

— O que foi, filho? Fala logo que tá tarde e quero dormir.

Continuei quieto por alguns segundos e, sem desgrudar os olhos do livro, respondi:

— Então, preciso te contar uma coisa. — Mais um tempo em silêncio. — Estou em um relacionamento complicado.

Soltei uma risadinha de nervoso, sem que nossos olhares se cruzassem.

O livro na minha mão agora tinha a função de um escudo e me possibilitava enfrentar o medo sem a impressão de estar totalmente desprotegido — como a necessidade de dormir coberto ao menos por um lençol. E, pensando bem, essa era uma das funções que os livros vinham exercendo nos últimos anos. Inclusive, se não fosse a literatura, eu nem estaria deitado naquele domingo à noite, diante da minha mãe, criando coragem antes de viver uma das experiências mais importantes da minha vida. Portanto, lá

estava eu cercado por milhares de páginas encadernadas, além do escudo diante do meu peito. Isso me dava um pouco de segurança e uma certeza — sim, eu não tinha mais dúvidas: estava no caminho certo.

— Como assim, filho?

— É complicado! Não sei o que fazer.

A segunda frase era mentira. Eu sabia muito bem o que estava fazendo, só não sabia como falar. Lancei então um pedido de ajuda e passei a vez para a minha mãe.

— O que foi? Você voltou com a sua ex?

Cinco meses antes, eu havia terminado um namoro longo. Minha ex-namorada era muito querida por todos da família, e senti um sorriso no canto da boca da minha mãe ao cogitar a hipótese de reconciliação. Digo que senti, porque eu ainda não tinha conseguido olhar nos olhos dela.

— Não!

— Então, o que é?

Continuei quieto, com o sorriso nervoso estampado no rosto. Eu não ia conseguir falar o que queria. Sem saber, ela ia me ajudar, porque meu segredo sairia não da minha boca, mas da dela.

— Tem alguém grávida?

— Não!

— É uma mulher com filho?

— Não!

Senti meus braços formigarem de tensão. Não tinha mais volta.

— É muito mais velha?

— Não!

— Hum... É ex-namorada de algum amigo?

E eu pensava, com o corpo quase paralisado: *Poxa, mãe! Você já sabe o que é. Me ajuda!*

— Você tá com um homem?

Mesmo agora, passados alguns anos dessa noite, meu corpo ainda reage ao relembrar essa conversa. Meu pescoço fica tenso, a boca, seca e algumas risadas de nervosismo escapam. É a violência da memória.

— Sim — falei em voz baixa, quase sem força para verbalizar.

O sentimento era de ter conseguido tirar algo de dentro de mim, uma verdade que havia muitos anos me acompanhava, escondida nos becos fantasmagóricos dos meus pensamentos. E, para minha surpresa, apesar de ter demorado 27 anos para conseguir admitir para mim mesmo quem eu sou, essa verdade que via como indesejada, dividir isso com alguém tinha sido mais rápido do que eu imaginava. Depois de anos vivendo sob a máscara criada para satisfazer as expectativas de uma sociedade preconceituosa, não existiam mais motivos para me esconder. Eu não queria mais isso.

Depois do “sim” meio abafado, não tinha como continuar me escondendo atrás daquelas páginas. Olhei para minha mãe, sem poder prever qual seria a sua primeira reação. Era a vez de ouvir o que ela tinha a dizer; eu já havia feito a minha parte. Esperei uma resposta, que não chegou pelos meus ouvidos. Ela segurou minha mão e olhou para mim com uma emoção que dificilmente pode ser expressada

por meio de palavras, era um olhar que só se pode sentir. As lágrimas caíram. Parecia que aquele “sim” não estava entalado apenas em mim. Senti que ela também carregava um peso. Era o fim de um silêncio com o qual ela também convivia havia muito tempo.

E, então, ela começou a falar.

1

O impacto de um início

ÀS VEZES, as primeiras linhas de um livro já são o suficiente para prender a atenção do leitor. Essa pode não ser a preocupação de alguns escritores, mas é inegável que um início marcante tem o poder de fazer o leitor lembrar, mesmo muitos anos depois, as sensações que a leitura lhe causou. Aos 25 anos, chegou minha vez de perceber como o início de uma obra pode ser forte:

Quando Gregor Samsa, certa manhã, despertou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso. Estava deitado sobre as costas duras como couraça e viu, quando ergueu um pouco a cabeça, a barriga abaulada, marrom, dividida em segmentos arqueados, sobre a qual o lençol, pronto para deslizar por completo, já mal se segurava. Suas muitas pernas finas, deploráveis em comparação com as dimensões de seu corpo, sacudiam-se desajeitadas diante de seus olhos.

Não importa quantos anos tenham se passado, quem leu *A metamorfose*, do tcheco Franz Kafka, é incapaz de esque-

cer esse primeiro parágrafo. Ler sobre Gregor Samsa, um jovem a respeito do qual eu não sabia nada, e sobre a sua primeira visão ao despertar de uma noite de sono, me fez sentir uma angústia, uma aversão àquele corpo monstruoso... Havia algo diferente naquele livro publicado em 1915, escrito por um autor que viveu uma realidade totalmente distinta da minha e que conseguiu, com poucas palavras, despertar tantas sensações em mim. Pela primeira — mas jamais última — vez, tive a consciência do poder da literatura de, com poucas frases, causar emoções tão impactantes no leitor.

Confesso que nem sempre li fazendo reflexões como essa, que iam além da própria história ou da minha opinião, que não se limitavam ao simples gostar ou não da narrativa. Ao fim da leitura, ia atrás de comentários sobre a construção de personagens, a linguagem empregada pela autora ou pelo autor da obra, o uso do narrador, entre outros aspectos da construção de um livro, mas não era capaz de percebê-los sozinho, sem a ajuda de algum texto ou aula. Assim, por também ter sido um dos primeiros momentos em que me dei conta de que estava fazendo reflexões mais elaboradas, a leitura do início de *A metamorfose* me marcou tanto.

Mas algo teria mudado em mim? Não. Continuava sendo um leitor comum, sem qualquer formação na área de literatura. No entanto, minha leitura estava amadurecendo, e isso era consequência do hábito, da bagagem que eu estava construindo a cada novo livro. Mas há quem ainda não seja capaz de ter esse aprofundamento na obra, e não

há nada de errado nisso. Não existe melhor ou pior leitor quando o assunto é a leitura por prazer, apenas leitores mais ou menos experientes. Ao ler, você já está no caminho certo, e com o tempo, com o hábito, é possível identificar elementos da obra que, até então, não pareciam estar ali. E é disto que falo neste livro: como os livros se tornaram tão importantes na vida de alguém que não leu muito durante a infância ou a adolescência, mas que foi tendo a sua vida cada vez mais marcada pela literatura.

Inícios impactantes, como o criado por Kafka em *A metamorfose*, estão presentes em várias leituras. Compartilho alguns exemplos de primeiras linhas ou parágrafos que contêm, em poucas palavras, quase que a experiência integral da leitura, permitindo ao leitor que relembre do impacto que aquele livro lhe causou:

No dia seguinte, ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada.
(José Saramago, *As intermitências da morte*)

A senhora Dalloway disse que ela mesma ia comprar as flores. Pois Lucy estava cheia de serviço. As portas seriam retiradas das dobradiças; os homens de Rumpelmayer's estavam chegando. E depois, pensou Clarissa Dalloway, que manhã — fresca como se nascida para crianças numa praia.

(Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*)

Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames." Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem.

(Albert Camus, *O estrangeiro*)

Todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são cada uma a sua maneira.

(Liev Tolstói, *Anna Kariênina*)

Depois de frases tão marcantes, qualquer tentativa de um início mais criativo aqui me deixaria bastante frustrado. O que me salva é que este é um livro de memórias literárias. Assim, nada melhor do que cair na redundância de começar realmente pelo início.

Você já se perguntou quais são suas primeiras lembranças com livros? Tente voltar no tempo o máximo que puder, até recordar dos seus primeiros contatos com um livro ainda na infância. Pode ser uma memória afetiva de uma estante, de uma biblioteca, ou de alguém contando uma história para você.

Minha primeira lembrança relacionada a leituras já é como leitor. Sei que não podemos confiar tanto nas nossas memórias, já que elas se ajustam conforme nossa conveniência e criatividade, mas o que me vem à cabeça sou eu aos seis anos, sentado em uma miniescrivaninha colorida, diante de um livro. Recordo ainda hoje da dificuldade para conseguir montar os sons das sílabas, então imagino que estivesse aprendendo a ler. Era um livro de capa vermelha, com poucas páginas. Cada uma delas tinha frases breves na parte inferior, quase escondidas pelas ilustrações de insetos. Sim, era um livro sobre insetos (não sei se sobre outros animais também, não me lembro). Gosto muito de animais desde criança. Eu andava pelo quintal de casa e pela rua com pequenos potes de plástico, catando os insetos que encontrava. Cheguei a fazer uma expedição a um terreno baldio com meu pai, à procura de animais mais assustadores. Apesar da preparação e do entusiasmo, voltamos de mãos vazias. Tinha uma prateleira no quarto repleta deles. Talvez por isso justamente o livro de insetos tenha marcado minha memória. Em uma das páginas, me lembro bem, havia formigas andando em fila — talvez em uma cozinha —, indo atrás de algo açucarado. Até cheguei a procurar o livro na internet para guardar de recordação, mas não encontrei. Talvez nossa memória seja realmente mais inventiva do que a gente imagina.

A lembrança de algumas pessoas com os primeiros livros pode estar relacionada à mãe ou ao pai lendo uma história. Não recordo se meus pais liam com frequência para mim,

mas uma memória muito viva é a do meu pai contando histórias que ele mesmo inventava antes de eu dormir. E ele sempre dava um jeito de me colocar, junto com meus amigos, como personagem principal dessas aventuras, e eu sempre era o herói que salvava alguém ou derrotava o inimigo. Para os pais, os filhos têm superpoderes, da mesma forma que muitos filhos enxergam os pais como heróis. O tempo, no entanto, desconstrói a imagem que temos deles, como quando os vemos chorar pela primeira vez, em algum acesso de raiva ou angustiados por não saberem como lidar com um problema. Mas, àquela época, meu pai ainda vestia a capa de herói infalível e tinha o respaldo para contar qualquer história.

Assim como não me lembro de ouvir meus pais lendo histórias para mim, tampouco me recordo de vê-los sempre com livros nas mãos. Não nasci em uma família com essa paixão — ou, talvez, com esse hábito. Sou o filho mais novo de três. Assim como meus pais, minhas duas irmãs não costumavam ler. É comum que alguém que saiba da minha paixão pelos livros imagine que vim de uma família de leitores ávidos. Quando conto como a leitura era ausente em casa, meus pais sentem um incômodo, como se tivessem feito algo errado. Não os culpo, até porque isso não me impediu de me tornar um leitor, ainda que eu tenha sentido falta de referências quando precisava buscar o que ler. Mas é inegável que pais leitores têm muito mais chance de criar filhos leitores.

Então fica a pergunta: de onde veio o meu gosto por livros? Será que é algo que nasce com a gente e faz parte

da nossa personalidade? Ou será que acabei sendo influenciado na escola, por professores que assumem a difícil tarefa de convencer crianças de que ler pode ser divertido?

Ao ir atrás de mais memórias relacionadas a livros, outras pessoas acabam se destacando: minhas duas avós. Elas eram verdadeiras devoradoras de livros. O fato de, em diferentes momentos, elas estarem com livros nas mãos, ou de sempre haver uma pequena pilha em suas mesinhas de cabeceira, fez com que eu as considerasse as maiores leitoras do mundo! Assim como crianças tendem a heroizar — que palavra linda! — os pais, os avós ganham uma aura mística, de grandes sábios. Pessoas que viveram tantos anos e que sabem um pouco de tudo. Aos meus olhos infantis, minhas avós tinham lido quase tudo, o que despertava minha admiração e curiosidade.

Para uma criança que lia livros bem fininhos, recheados de ilustrações, um livro só de letras com mais de cem páginas era um calhamaço inalcançável, e lembro de perguntar para minhas avós qual era a história por dentro daquelas páginas cada vez que as via com um livro diferente nas mãos. A resposta que elas me davam nem sempre me agradava: “É coisa de adulto.”

Nunca vou me esquecer de um livro que vi minha avó paterna lendo em uma viagem que fizemos para um dos destinos mais diferentes que já visitei: Alasca.

Durante a viagem, minha avó ficou agarrada a um determinado livro. Já no primeiro dia, comecei a tentar identificar aquela obra. A capa era branca e as letras do título,

chamá-lo pelo nome completo: “Gabriel García Márquez, chega de aprontar!”

Gabo, o escritor, nasceu em 6 de março de 1927, escreveu mais de trinta livros — entre eles *Cem anos de solidão*, *Amor nos tempos de cólera*, *Do amor e outros demônios* —, foi vencedor do prêmio Nobel de Literatura em 1982 e nos deixou em 17 de abril de 2014. Um mestre em contar histórias, o que percebi pela forma como seus livros me prendiam, mesmo sem trazer cenários de suspense, assassinatos ou mistérios. Gabo afirmava ter sido bastante influenciado pelos avós, que lhe contavam histórias durante a infância. Da mesma forma que meu pai fazia comigo, os avós de Gabo criavam histórias com base em suas memórias — outra forma de conectar pessoas por meio de narrativas. Segundo Gabo, muito da sua forma de escrever foi inspirada nessas lembranças com seus avós, e, assim como ele, tive a alegria de guardar belíííííssimas memórias dos meus avós.

A imagem que eu tinha das minhas avós serem as maiores leitoras do mundo começou a se desfazer quando, no início do ensino médio, perguntei para a minha avó materna o que ela achava de *A revolução dos bichos*. Era um dos primeiros livros “adultos” que eu lia e estava um pouco receoso. Eu tinha certeza de que minha avó conheceria. Lembro de estar deitado em seu colo depois de um almoço de domingo. Ela, com seu inseparável amigo cigarro em uma das mãos, enquanto acariciava meus cachos com a outra, um gesto afetuosos que acontecia sempre que nos encontrávamos. Foi uma surpresa quando ela respondeu

que nunca havia lido. Até interrompi o cafuné e me sentei ao seu lado para conferir se estava falando a verdade. Ainda que hoje eu saiba que minhas avós não são as maiores leitoras do mundo, como imaginava na época, fico muito feliz que elas tenham cultivado o hábito da leitura e transmitido essa paixão para mim. Hoje são elas que me pedem indicações de boas leituras e amo ser o maior leitor do mundo para elas.

Como os livros podem nos ensinar sobre o mundo, as pessoas que estão à nossa volta e sobre nós mesmos? Como eles são capazes de nos resgatar de momentos difíceis? Ao combinar memórias pessoais e reflexões sobre suas leituras, Pedro Pacífico conta como os livros tiveram papel crucial na construção de sua identidade. Referência entre os produtores de conteúdo literário nas redes sociais, com quase meio milhão de seguidores no Instagram, Pedro, também conhecido como Bookster, demonstra ainda como o hábito de leitura é uma boa ferramenta para lidar com a ansiedade e a nossa dependência pouco saudável da internet.

De um jeito honesto e direto, Pedro compartilha experiências e curiosidades sobre sua vida. Sua trajetória desde criança, seus primeiros passos como leitor, o processo de criação do perfil nas redes sociais, sua relação com a família e os amigos. Além disso, o autor revela em detalhes como as pressões para que se enquadrasse em um modelo de vida que não lhe cabia acabaram desencadeando um quadro de sofrimento e ansiedade, posteriormente aplacado, entre outros cuidados, pela literatura e pelo exercício de alteridade que ela proporciona. Contador de histórias nato, ele entremeia relatos de como conseguiu se sentir mais confortável com sua sexualidade com observações perspicazes sobre algumas das obras com as quais teve contato ao longo desse caminho. De Gabriel García Márquez a Lemony Snicket, compartilha opiniões e indicações literárias, mostra como a literatura pode e deve ser acessível a todos e dá dicas de como torná-la um hábito prazeroso.

Trinta segundos sem pensar no medo é uma história emocionante e inteligente sobre um processo longo e doloroso de autoaceitação, permeado em grande parte pela relação do autor com a literatura. A obra de Pedro Pacífico também prova que livros e redes sociais, comumente compreendidos como extremos, podem dialogar. E não só. Têm tudo para ser um par perfeito!

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/trinta-segundos-sem-pensar-no-medo-memorias-de-um-leitor/>

